

Silvana Silva de Farias Araújo  
Siméia Daniele Silva do Carmo

## **A CONCORDÂNCIA VERBAL COM A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NO *CONTINUUM* SOCIOLINGUÍSTICO DA BAHIA**

### **RESUMO**

Este artigo investiga a concordância verbal com P4, a partir de dados linguísticos de diferentes perfis, a fim de verificar se é possível analisar a distribuição da variável levando em conta a influência de fatores socioculturais e estruturais nessa variação no *continuum* sociolinguístico brasileiro. Os resultados demonstram padrões de variação no PB no que concerne à concordância verbal com a primeira pessoa do plural, apresentando frequências altas de ausência de concordância verbal na fala popular e, por sua vez, inexistindo variação na fala culta. Nesse sentido, o apagamento das marcas de número nas formas verbais é recorrente na fala de indivíduos com pouca escolarização e ligados à cultura popular/rural.

Palavras-chave: Concordância verbal; Português brasileiro; sociolinguística.

## THE VERBAL AGREEMENT WITH THE FIRST PERSON OF THE PLURAL IN THE BAHIA SOCIOLINGUISTICS CONTINUUM

### Abstract:

This paper investigates the verbal agreement with P4, from linguistic data of different profiles, in order to verify if it is possible to analyze the distribution of the variable taking into account the influence of sociocultural and structural factors on this variation in the Brazilian sociolinguistic continuum. The results show patterns of variation in BP regarding verbal agreement with the first person plural, presenting high frequencies of lack of verbal agreement in popular speech and, in turn, no variation in cultured speech. In this sense, the erasure of number marks in verbal forms is recurrent in the speech of individuals with little education and linked to popular / rural culture. Keywords: Verbal agreement; Brazilian portuguese; sociolinguistics

## LA CONCORDANCIA VERBAL CON LA PRIMERA PERSONA DEL PLURAL EN EL CONTINUUM SOCIOLINGÜÍSTICO DE BAHIA

### Resumen:

Este artículo investiga la concordancia verbal con P4, a partir de datos lingüísticos de diferentes perfiles, para verificar si es posible analizar la distribución de la variable teniendo en cuenta la influencia de factores socioculturales y estructurales en esta variación en el continuum sociolingüístico brasileño. Los resultados muestran patrones de variación en el PB con respecto a la concordancia verbal con la primera persona del plural, presentando altas frecuencias de su falta en el habla popular y, a su vez, no hay variación en el habla cultivada. En este sentido, el borrado de las marcas numéricas en formas verbales es recurrente en el discurso de personas con poca educación y vinculado a la cultura popular/rural.

Palabras clave: Concordancia verbal; Portugués brasileño; Sociolingüística

## INTRODUÇÃO

Formas verbais sem as desinências de plural com sujeitos de primeira pessoa do plural (P4) são típicas de variedades populares do português brasileiro (PB) e, por essa razão, devem estar na pauta de pesquisas sobre a constituição sócio-histórica da língua majoritariamente falada no Brasil, bem como da sua configuração atual. Assim, neste estudo, em que se investiga a concordância verbal com P4, a partir de dados linguísticos de diferentes perfis, é possível analisar a distribuição da variável, mesurando a influência de fatores socioculturais e estruturais nessa variação no *continuum* sociolinguístico brasileiro.

Neste estudo, como foram utilizados dados referentes aos dois grandes polos da realidade sociolinguística brasileira (LUCCHESI, 1994, 2001, 2015), as normas *culta* e *popular* (rural e urbana), os resultados apresentados permitem averiguar como se estrutura, atualmente, no português falado na Bahia/ no Brasil, a bipolarização de normas sociolinguísticas brasileiras, já apontada por Silva Neto (1963[1950]).

O texto está estruturado em três seções. Inicialmente, faz-se uma revisão da literatura, segundo a qual a concordância verbal é um fenômeno constituído por regras variáveis. Na seção seguinte, apresentam-se os objetivos, as questões motivadoras do estudo e os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa. Em seguida, apresentam-se e discutem-se os resultados. Por fim, são apresentadas as conclusões.

## BREVE REVISÃO DA LITERATURA

Diversos estudos realizados com dados do português brasileiro popular têm demonstrado que há uma forte motivação entre a faixa etária jovem e a aplicação da regra de concordância com morfema de plural, algo que sugere um processo de aquisição da regra. Em outras palavras, os resultados referentes ao controle da variável faixa etária, no que concerne ao fenômeno da concordância verbal, reúnem evidências que apontam para um

passado sociolinguístico do PB em que os usuários das variedades populares não exibiam marcas de concordância verbal de número em suas falas. São exemplos de estudos que apontam essa correlação: Vieira (1995), Bortoni-Ricardo (2011[1985]) e Lucchesi, Baxter e Silva (2009). Nesse último, constata-se um favorecimento do uso da regra padrão nos dados dos informantes da faixa etária mais jovem, tanto com P1 quanto com P6, conforme se constata nos resultados a seguir:

**Tabela 1:** Aplicação da regra de concordância verbal com a 1ª pessoa do singular em Helvécia-BA segundo a variável faixa etária

Faixa etária	Nº de Oc./Total	Freq.	P.R
Faixa 1 (20 a 40 anos)	1017/1060	96%	.80
Faixa 2 (40 a 60 anos)	787/920	86%	.51
Faixa 3 (Mais de 60 anos)	752/1154	65%	.21
Total	2.556/3.134	82%	—

Fonte: Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 343)

**Tabela 2:** Aplicação da regra de concordância verbal com a 3ª pessoa do singular em comunidades rurais afro-brasileiras isoladas segundo a variável faixa etária

Faixa Etária	Nº de Oc./Total	Freq.	P.R
Faixa 1 (20 a 40 anos)	141/634	22%	.62
Faixa 2 (41 a 60 anos)	85/602	14%	.48
Faixa 3 (61 em diante)	47/470	10%	.36

Fonte: Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 356)

No que se refere à P4, essa correlação não é tão evidente. A variável faixa etária não foi selecionada no estudo dos autores, embora haja uma ligeira inclinação no sentido do aumento do uso da regra da concordância verbal, na medida em que se passa dos falantes mais velhos para os mais jovens, com uma diferença mínima entre as faixas. A variação deve ser mais generalizada na comunidade, ou seja, independentemente da faixa etária, utiliza-se a variante zero, conforme se depreende a partir da leitura da tabela 3:

**Tabela 3:** A concordância verbal com a 1ª pessoa do plural no português afro-brasileiro segundo a variável faixa etária

Faixa Etária	Nº de Oc./Total	Freq.
Faixa 1 (20 a 40 anos)	20/104	19%
Faixa 2 (40 a 60 anos)	34/188	18%
Faixa 3 (Mais de 60 anos)	30/188	16%
Total	84/480	17%

Fonte: Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 368)

Outra evidência empírica que comprova a naturalidade da variante zero no uso da concordância verbal nas variedades populares do PB é o fato de ser raro no Brasil (mesmo na fala popular) usos como “*a gente vamos*”, ao contrário do que se verifica no português europeu (PE). No dialeto rural-urbano investigado por Bortoni-Ricardo (1985 [2011]), por exemplo, o índice de ocorrência de *a gente* com verbo flexionado na forma *-mos/mol/emo* foi tão baixo que a autora decidiu não incluir esses dados na análise. No estudo de Zilles, Maya e Silva (2000), com dados de Porto Alegre do VARSUL (24 entrevistas analisadas), foi encontrada apenas 1 ocorrência de sujeito *a gente* combinado com desinência *-mos*, dita jocosamente pelo falante. Apenas o estudo de Naro et al (1999) demonstra haver produtividade na flexão de plural com P4: das 877 formas verbais com o sujeito *a gente*, 183 apareceram com *-mos* (20,9%).

Portanto, vê-se que, quando analisada a variação na concordância verbal de número no PB, no plano da mudança, há posicionamentos diversos quando se trata da variável faixa etária. Se for considerado, por exemplo, o trabalho de Naro (1981), os resultados da influência da variável *idade* na concordância verbal de número no PB, levaram o autor afirmar que a regra padrão de concordância verbal estaria a caminho de perda na comunidade de fala carioca, sendo a influência da mídia um impedimento para tal mudança linguística. Já Guy (1981) afirma que o fenômeno da marcação de plural nos verbos no PB é um típico caso de variação estável. Essa última posição é pertinente, especialmente ao se encaixar o fenômeno na estrutura linguística e social, sendo a falta das marcas de concordância verbal um fenômeno estigmatizado nas variedades urbanas do PB.

## A VARIAÇÃO NO SISTEMA PRONOMINAL E O USO DA CONCORDÂNCIA VERBAL COM P4

É muito divulgado que a redução do uso de plural nas formas verbais no PB relaciona-se à introdução das formas *você* e *a gente* no sistema pronominal. Figueiredo Silva (1998, p.190-91), em artigo sobre inovações morfológicas no PB, pondera que a morfologia específica de primeira pessoa do plural está em extinção, devido

a mudanças no sistema pronominal que acarretam a redução do sistema de desinências verbais:

Já é fato notório que o português brasileiro está em um processo de franca perda da parte da flexão verbal relativa à desinência número-pessoal, devido à renovação no quadro pronominal promovida pela entrada de *você(s)* e, mais recentemente, de *a gente* (FIGUEIREDO SILVA, 1998, p.190).

Sobre esse aspecto, Zilles, Maya e Silva (2000), chamando a atenção para a existência de duas histórias sociolinguísticas no PB, destacam que, nas variedades populares, nem se pode falar em perda, mas em um processo de aquisição das regras de concordância.

É mais apropriado postular que, nas variedades populares do PB, houve uma modificação na morfologia flexional devido a fatores sócio-históricos, a exemplo do contato entre línguas, com significativas consequências sociolinguísticas para a realidade atual do PB, sendo a principal delas a bipolarização de normas linguísticas e a estigmatização de usos linguísticos associados a um contingente populacional marginalizado na história sociolinguística brasileira. Explicações estruturais, como a da força da introdução das formas nominais no quadro de referência pessoal não se aplicam às variedades populares do PB. Para corroborar essa afirmação, cita-se os resultados de Araújo (2004) que, ao investigar a distribuição das ocorrências referentes à P4 (*nós* e *a gente*) na função sintática de sujeito entre as faixas etárias no dialeto afro-brasileiro de Helvécia-Ba, identificou que os informantes mais idosos são os que mais usam a forma canônica *nós*, embora sejam os que mais usam a variante zero de plural nas formas verbais.

Sustenta-se, pois, que o complexo cenário do período de formação do PB gerou uma heterogeneidade que trouxe significativas consequências linguísticas para a realidade sociolinguística brasileira. Igualmente, sustenta-se a hipótese de que existe a variação no uso de morfologia flexional em variedades populares e de que há padrões de variação e diferenças quantitativas entre as comunidades estudadas, por conta de fatores como a

formação étnica, o isolamento da comunidade e a distância da capital.

## QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Adota-se o arcabouço teórico-metodológico da *Sociolinguística Variacionista* (WEINREICH; HERZOG; LABOV, 2006 [1968] e LABOV, 1994), projetando a variação da concordância verbal (para o passado e para o futuro) e não apenas sistematizando a variação. Como esse fenômeno linguístico pode ser considerado um *estereótipo sociolinguístico* na norma urbana culta, acredita-se que, com esse tema, é possível analisar em que nível se encontra o entrecruzamento de normas, acen-tuado no Brasil a partir do início do século passado.

Indo nessa direção, acolhe-se a ideia defendida por Kato, (1993) e Mattos e Silva (2004), que assinalam que o des-vendar analítico da diversidade linguística brasileira, quer no nível espacial quer social, tem levado ao enten-dimento da sua compreensão histórica. Sai-se, portanto, mera descrição linguística para o das interpretações his-tóricas, ou melhor, para aqueles que discorrem sobre a formação sócio-histórica-cultural do PB.

No levantamento dos dados, não foram computadas ocorrências cujos sujeitos eram expressos pela forma pronominal *a gente*, embora essas tenham sido muito recorrentes em todo o *corpus*. Procedeu dessa maneira pela constatação de que, na grande maioria dos casos, o uso da forma pronominal levava o verbo para a terceira pessoa do singular, concordando com a pessoa gramatical da forma pronominal (que também é de terceira pessoa do singular); havendo, pois, uso da concordân-cia padrão, isto é, “verbo concordando em pessoa e número com a pessoa gramatical do sujeito”. Em outras palavras, verbos flexionados com sujeito *a gente* são raríssimos no *corpus* sob análise, principalmente levan-do-se em consideração a alta produtividade de usos da forma *a gente* com verbo não marcado, como ocorre, por exemplo, na frase “*a gente foi*”.

Desse modo, foram consideradas formas verbais fini-tas, cujo sujeito era expresso pelo i) *pronomine pessoal*

(*nós*), ii) por *sintagma composto* (*eu + SN lexical e/ou pronomine de 2ª e/ou 3ª pessoa*) e pela iii) *forma zero* (*sujeito desinencial*), além de casos com iv) referência indefinida (+ genérica), desde que o contexto desse ensejo para a variação.

Foram excluídas, além de ocorrências com a forma *a gente* na função de sujeito, outras cujo contexto não dava ensejo à variação, sendo algumas construções cristalizadas na língua portuguesa. As sentenças (1) a (4) exemplificam alguns dados descartados:

- (1)... *De qualquer jeito, vamos pra frente* (...).
- (2) *Eu sou armador ... Vamo dizer, tem um prédio* (...).
- (3) *Por outro lado, os pais tinham, suponhamos, dois ou três filhos.*
- (4) *Tem vez que faz assim, vamos supor: uma pessoa tem um barzinho assim* (...).

A partir dos exemplos acima, observa-se que foi preciso examinar se o contexto dava realmente ensejo à varia-ção. Nesse sentido, excluíram-se dados com sujeito nulo que não fosse uma retomada anafórica, por jul-gar que sem a retomada anafórica não há espaço para a variação sem mudança de significado. Atente-se aos dados:

- (5) Ah, tem a terceira idade tombém. Não *vamos* esquecer da terceira idade, né?
- (6) É esporte! Não *temos* muito esporte aqui em Feira de Santana, né?<sup>1</sup>
- (7) *Passamos* também lá na casa do colega da... da irmã do meu genro.
- (8) E aí *gostemo, tivemos* filho...Depois *separemos*...
- (9) Apesar da... das restrições da...de liberdades políticas, *tínhamos* outros sonhos, *tínhamos* com que lutar, *tínhamos* referenciais...
- (10) *Vemos* professores é... do Ensino Fundamental falando erradamente em sala de aula, na rua, nas conversas.

## AMOSTRA

Os dados analisados foram levantados em entrevistas sociolinguísticas do tipo DID (diálogo entre informante e documentador), acervo do Projeto *A língua portuguesa do semiárido baiano* (Fases 1, 2 e 3)<sup>2</sup>, levando-se em consideração as variáveis socioculturais *sexo do informante, faixa etária, diazonalidade (rural e urbana) e escolaridade* (nula, baixa e superior) e foram assim subdivididas em subamostras, conforme se segue:

### Norma urbana culta:

São 12 entrevistas com informantes com ensino superior completo com ou sem cursos de pós-graduação, sendo todos residentes na sede do município, nascidos na própria cidade, estando estratificados da seguinte forma:

QUADRO 1: Critérios para seleção dos informantes da amostra

SEXO	Masculino
	Feminino
FAIXA ETÁRIA	Faixa I (25 a 35 anos)
	Faixa II (35 a 45 anos)
	Faixa III (acima de 65 anos)

### NORMA URBANA POPULAR:

São 12 informantes, cujo perfil é de ser feirenses, filhos de feirenses, residentes na zona urbana e com baixa ou nenhuma escolarização, tendo sido considerados os dois sexos e os mesmos intervalos de faixa etária acima descrita para a norma culta. Assim, como também se investiga as entrevistas com informantes com ensino superior, as entrevistas analisadas são representativas dos dois polos sociolinguísticos que existem na comunidade de Feira de Santana, o da norma popular e o da norma culta.

### NORMA POPULAR RURAL:

São entrevistas gravadas na região rural de dois municípios do interior da Bahia: Rio de Contas e Jeremoabo. Nesses municípios foram selecionadas comunidades com composições étnicas diferenciadas: Em Rio de Contas, são duas as comunidades Barra/Bananal e Mato Grosso, sendo a primeira com predominância negra e a segunda, com predominância branca. Em Jeremoabo, as comunidades são Tapera, com *remanescentes de índios*, Casinhas, com *remanescentes de qui-*

*lombolas* e Lagoa do Inácio, com *mestiços* e por *brancos*. Totalizaram-se 48 entrevistas sociolinguísticas, cujos informantes foram estratificados segundo os critérios sociais listados no quadro:

QUADRO 2: Critérios socioculturais utilizados na seleção dos informantes da norma popular rural

FAIXA ETÁRIA POR COMUNIDADE <sup>3</sup>	Comunidades de Rio de Contas Barra/ Bananal Mato Grosso	Faixa I – 18 a 38, Faixa II – 39 a 59 Faixa III – acima de 59 anos
	Comunidades de Jeremoabo Tapera Lagoa do Inácio Casinhas	Faixa I – 15 a 25, Faixa II – 35-45 Faixa III – acima de 55 anos
SEXO	Masculino Feminino	
QUANTIDADE DE ENTREVISTAS/ COMUNIDADES / ETNIA	12 entrevistas em Bananal/Barra dos Negros (município de Rio de Contas). Etnia negra; 12 entrevistas em Mato Grosso (município de Rio de Contas) informantes brancos descendentes de portugueses e paulistas; entrevistas em Casinhas (remanescente de quilombolas), 06 entrevistas em Tapera (remanescentes de índios); 06 entrevistas em Lagoa do Inácio (mestiços e brancos).	
NÍVEL DE ESCOLARIDADE	Analfabeto Semianalfabeto	

\*Por serem comunidades rurais e geograficamente distantes, houve dificuldades em homogeneizar os grupos etários igualmente.

## VARIÁVEIS

A variável em estudo é binária, com uma variante com marcas de número de primeira pessoa do plural e outra variante sem tais marcas. Foram consideradas as seguintes variáveis independentes: *Realização e posição do pronome sujeito; Saliência fônica; Nível de referencialidade do sujeito; Composição do sujeito; Tipo de discurso; Tipo de texto; Tempo verbal; Sexo; Faixa etária; Escolaridade; Comunidade.*

## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, são apresentados os resultados da análise qualitativa e quantitativa realizada. Conforme se demonstra a seguir, fica evidente a persistência da situa-

ção polarizada entre a fala culta da elite, por um lado, e a fala popular das classes menos abastadas por outro.

Foram levantadas e codificadas todas as ocorrências de formas verbais com P4, sendo excluídas as que se enquadraram nos critérios previamente estipulados e apresentados neste capítulo. Perfez-se, um total de 647 ocorrências, que constituíram a base de dados desta pesquisa. No conjunto total de ocorrências, obtiveram-se os seguintes resultados gerais:

Tabela 4: Aplicação da regra de concordância verbal com a primeira pessoa do singular (P4) nas sub amostras pesquisadas

	NORMA CULTA	NORMA POPULAR	
		URBANA	RURAL
	Nº de ocor. / Total e Frequência	Nº de ocor. / Total e Frequência	Nº de ocor. / Total e Frequência
Variante explícita (-mos, -mo, -emo)	111/112 99,1%	22/40 55%	206/495 41,6%

Constata-se uma gradação decrescente quando se passa da norma culta urbana para a norma popular rural do Estado da Bahia. Em face desses resultados, julgou-se necessário analisar os resultados considerando-se a realidade não só heterogênea, mas também polarizada do universo pesquisado. Desse modo, os resultados são discutidos considerando-se a diversidade das subamostras investigadas.

### NORMA CULTA FEIRENSE

Foram levantados 112 dados. A escassez de dados existe, devido ao amplo uso da forma *a gente* como forma pronominal. Além desses casos, foram descartadas várias ocorrências, uma vez que, conforme já exposto, só foram considerados dados com sujeito pronominal *nós*, com sujeito composto e desinencial, sendo que, neste último caso, apenas quando representava uma retomada anafórica, ou seja, quando o antecedente era expresso em oração anterior.

O único dado da fala culta com a variante zero foi levantado na fala de um informante jovem, do sexo masculino. Eis a ocorrência: (11) Esse ano, eu vou sair no carnaval de Salvador, no Filho de Gandes, sempre tive vontade. Vou sair esse ano. *Vai* sair eu, meu companheiro, mais dois amigos, né [...]

É um dado de posposição de sujeito, contexto favorável à ausência da concordância, principalmente quando o sujeito é composto. Inicialmente, pensou-se em descartar dados como esses pelo fato de ser um contexto muito específico, cuja ausência de flexões pode ser explicada por uma questão de ênfase que o informante queira dar ao autor da ação/estado verbal.<sup>4</sup> Contudo, foram considerados dados como esses, por permitirem que se investigasse o peso do fator *sujeito composto*. Este parece ser um contexto em que a ausência de concordância é categórica, o de posposição com sujeito composto<sup>5</sup>.

Assim, como é categórico o uso da variante padrão na fala culta brasileira, a análise quantitativa ficou impossibilitada de ser realizada. Nesse sentido, pode-se associar o uso da variante zero à população que historicamente esteve à margem do processo de escolarização, ou seja, a pessoas que adquiriram o vernáculo em situações livres de normatizações, “de ouvido”, na interação com pessoas que, por sua vez, também não tiveram acesso à educação formal. Esses resultados ratificam as conclusões feitas por outros pesquisadores que estudaram a variação com P6. Contudo, com P4, a diferença entre o uso culto e o popular é ainda maior do que com P6. Graciosa (1991), por exemplo, considerando dados do Projeto NURC, encontrou um índice de 5% da variante zero com a terceira pessoa do plural. Araujo (2014), considerando dados da fala culta de Feira de Santana, encontrou um índice de 6% dessa variante. Enquanto o percentual aqui encontrado, para P4, é de apenas 0.9%. Nesse sentido, confirma-se a hipótese inicial desse trabalho, que previa que a variação com P4 é mais estigmatizada do que a com P6, sendo a variante zero da desinência de concordância verbal de número bem típica do vernáculo popular brasileiro.

### NORMA POPULAR URBANA

Foram levantados apenas 40 dados, pois o uso da *a gente* na função de sujeito está ainda mais difundido na norma popular. Os dados são tão poucas que os resultados estatísticos ficam comprometidos. Contudo, informa-se a seleção feita pelo programa estatístico:

QUADRO 3: Seleção feita pelo programa estático referente à aplicação da variante padrão na norma popular de Feira de Santana  
Nível de significância: 0.006

GRUPOS	FATORES			
	Jovem: .005	Adulto: .780	Idoso: .792	-----
Posição do sujeito	Imediatamente anteposto: .555	Na oração anterior: .204	-----	-----
Tipo de verbo	Transitivo: .577	Locativo: .638	Ligação: .980	Auxiliar e intransitivo: .049

Devido aos poucos dados do português popular urbano falado em Feira de Santana (apenas 40 dados), analisaram-se os dados do falar de Feira de Santana conjuntamente, isto é, das normas *culta* e *popular*, alcançando-se os seguintes resultados:

Tabela 5: Variação com P4 (dados da fala popular e culta)

Variantes	Número de ocorrências/total	Frequência
Forma padrão (morfema <i>-mos</i> e alofones)	133/152	87.5%
Forma não padrão (morfema $\emptyset$ )	19/152	12.5%

Os resultados apresentados na Tabela 5 escondem a estratificação diferenciada das variantes no universo pesquisado e não podem ser levados em consideração sem ser explicitado qual o percentual do uso culto e do popular. Por essa razão, apresentam-se os resultados para a variável escolaridade, que, por sinal, confirmam a situação linguística bipolarizada na comunidade linguística feirense:

Tabela 6: Concordância verbal e escolaridade em Feira de Santana (norma popular e culta)

Escolarização do informante	Com concordância		Sem concordância	
	ocor./total	Percentual	ocor./total	Percentual
Analfabetos e semianalfabetos	22/40	55%	18/40	45%
Ensino superior	111/112	99.1%	1/112	0.9%

Das 10 variáveis controladas (excetuando-se a comunidade, que não se aplica para o português urbano), 4 foram selecionadas pelo GOLDVARB X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) como favorecedoras à aplicação da regra de concordância, nesta ordem: *escolaridade*, *realização e posição do sujeito*, *sexo*, *faixa etária*, conforme se observa no quadro seguinte:

Quadro 4: Seleção feita pelo programa estático referente ao universo pesquisado (fala popular e culta)  
Nível de significância: 0.010

GRUPOS	FATORES			
	baixa: .000	superior: .992	-----	-----
Realização e posição do sujeito	Imediatamente anteposto: .622	Imediatamente posposto: .000	Sujeito anteposto na oração anterior: .932	Sujeito distante do verbo e anteposto: .004
Sexo	masculino: .011	feminino: .960	-----	-----
Faixa etária	jovem: .002	adulto: .975	idoso: .363	-----

Quanto à escolaridade, já se supunha que essa variável seria selecionada, devido ao estigma associado ao uso da variante zero no uso da concordância verbal de número, sendo vinculada a pessoas com pouca ou nenhuma escolarização e ainda às residentes em bairros pobres ou da zona rural.

A variável posição do sujeito foi selecionada como estatisticamente favorável ao uso da variante padrão, tanto no uso geral como no exclusivamente popular. No primeiro caso, o peso do fator sujeito anteposto na oração anterior foi ainda mais alto do que para o fator anteposição imediata do sujeito, este também selecionado. Mas, quando se considerou apenas dados da norma popular, somente o fator anteposição imediata foi selecionado como relevante à concordância. A posposição desfavorece o uso da concordância, confirmando a hipótese de que o sujeito à esquerda do verbo tende a favorecer a concordância, enquanto que a direita tende a desfavorecê-la (cf. LEMLE e NARO, 1977). Essa é uma variável estrutural que tem se mostrado relevante para o uso da ausência de marcas de concordância independentemente da histórica sociolinguística da amostra analisada. Já no que diz respeito à variável sujeito expresso na oração anterior, os resultados também confirmam a hipótese de que a ausência do sujeito na oração favorece a marcação de plural na forma verbal. A título de deixar mais esclarecido como foram levantados os 21 dados desse tipo, apresentam-se algumas dessas ocorrências:

(12) [...] Nós ficava lá, nós dormia lá, *comia* lá, tudo.



- (13) [...] nós fomos, *passamos* o dia lá.  
 (14) Aí minha mãe num queria separar nós três, porque meu irmão era mais velho que levava a gente, ela tirou todos nós da escola e *passamos* a estudar em escola pública, né?

As orações acima foram codificadas como sendo com sujeito nulo e, quanto à posição, com sujeito na oração anterior. Mas o programa apenas selecionou o segundo deste fator, o que demonstra a importância da variável posição do sujeito.

A variável *sexo do informante* evidencia que há um favorecimento do sexo feminino pelo uso da concordância padrão. Isso é típico de uma variação que envolve a implementação de uma forma prestigiada. Como é sabido, as mulheres, em comunidades urbanas, são mais sensíveis à normatização linguística, rejeitando formas estigmatizadas em variações estáveis (cf. LABOV, 2001, p. 274). Salienta-se que os resultados encontrados nesta pesquisa, são contrários aos obtidos por outros pesquisadores que analisaram essa variação em amostras de fala popular, a exemplo de Bortoni-Ricardo (1985, 2011) e Rodrigues (1987), em que as mulheres estavam em desvantagem no uso da variação padrão. Mas, como os resultados apresentados acima englobam o uso culto e popular, é preciso ter cautela ao se fazer generalizações.

Para a variável faixa etária, a hipótese inicial partia do pressuposto de que a faixa etária mais jovem seria o fator que favoreceria o uso da concordância padrão. O raciocínio empregado para sustentar essa hipótese foi o de que, com o processo de urbanização e de democratização de ensino, acelerados nas últimas décadas, os informantes da faixa 1 usariam mais a variante padrão, ao passo que os das faixas etárias mais altas usariam mais o uso da variante zero, pelo fato de preservarem mais as consequências do processo de contatos linguísticos e de marginalização a que foram submetidas a população pobre ao longo da história brasileira. Contudo, como se pôde ver pelos resultados apresentados no Quadro 4, não é isso o que se constatou. Para melhor se visualizar os resultados são apresentados os resultados na tabela seguinte:

Tabela 7: Aplicação da regra de concordância segundo a variável faixa etária do informante (norma popular e culta)

Faixa etária	Ocorrências/total	Frequência	Peso relativo
Faixa I (25 a 35 anos)	14/22	63.6%	.002
Faixa II (45 a 55 anos)	45/49	91.8%	.975
Faixa III (a partir de 65 anos)	74/81	91.4%	.363
Total de ocorrências	133/152	87.5%	

Nível de significância: 0.010

Os resultados levam à interpretação de que o processo de mudança é tipicamente de estabilidade linguística, com os jovens e idosos apresentando o mesmo comportamento linguístico, contrastando com a população de meia-idade, faixa etária que mais utiliza as formas de prestígio. Para Paiva e Duarte (2003, p. 18), em casos assim, ocorre mudança no indivíduo e estabilidade na comunidade. Essa situação é o oposto do que ocorre nos casos de mudança em progresso, quando os mais jovens utilizam a forma inovadora com maior frequência que os mais velhos.

É preciso, contudo, ter cautela para estender o que foi aludido no parágrafo anterior, quando se trata de interpretar o processo de mudança, envolvendo, conjuntamente, as duas subamostras de *corpora* analisados, isto é, as normas culta e popular. Primeiramente, é preciso considerar que as subamostras são representativas de histórias sociolinguísticas distintas: na norma culta, a variante zero é considerada inovadora, ao passo que, na popular, representa a conservadora, mas sendo, igualmente, nas duas normas, a variante padrão (-mos e alofones), a de prestígio. Assim, o que se pode postular, até o momento – sem que outras formas de estudo tenham sido realizadas (a exemplo de estudos em tempo real de curta ou de longa duração) –, é que a regra da concordância padrão é adquirida por força do processo de interação do falante com os fluxos de “desenvolvimento socioeconômico e cultural urbanos”, impulsionado aqueles que estão mais firmados nas suas profissões a empregarem a forma de prestígio. É preciso ter em conta, principalmente, que pesquisas quantitativas necessitam de uma quantidade razoável de dados e, no caso dos resultados apresentados acima, é visível que há poucos dados, de modo que a pesquisa deve ser ampliada com mais dados.

## NORMA POPULAR RURAL

Foram analisadas 495 formas verbais de primeira pessoa do plural em posição de sujeito, excluindo-se, como já afirmado neste trabalho, as que tinham a forma pronominal *a gente*.<sup>6</sup> Foram investigadas formas verbais com sujeito *nós*, com sujeito desinencial e com sujeito composto. No caso do sujeito desinencial, foram seguidos procedimentos metodológicos já comentados anteriormente. Os resultados gerais podem ser conferidos na tabela abaixo.

Tabela 8: Distribuição geral dos resultados acerca da concordância de número com sujeitos de primeira pessoa do plural (*nós* ou *nós* elíptico)

	Nº do ocorrências/ Total	Frequência
Com morfema de plural	206/495	41,6%
Sem morfema de plural	286/495	58,4%

A aplicação da regra de concordância de número é pouco frequente na fala dos moradores das comunidades rurais do semiárido baiano, predominando a ausência no morfema de plural. O objetivo deste trabalho é averiguar a frequência de aplicação da regra de concordância *versus* não aplicação, mas, a fim de demonstrar a frequência dos alomorfes de plural referente à 1ª pessoa do plural, apresentam-se, a seguir, os resultados por variante, a saber, *mos*, *-mo*, *-emo* e a variante zero, separadamente:

Tabela 9: Frequência de uso dos alomorfes verbais de número na concordância verbal com P4 no português do semiárido baiano

-mos ( <i>cantamos</i> ) <sup>7</sup>	-mo ( <i>cantamo</i> )	-emo ( <i>cantemo</i> )	Ø ( <i>cantou</i> )
27/495 5,4%	126/495 25,4%	53/495 10,7%	289/495 58,4%

\*Os exemplos entre parênteses são meramente ilustrativos. Poderia ter sido postas formas da 2ª ou 3ª conjugações e de outros tempos e modos verbais.

A partir dos resultados expostos nas tabelas 8 e 9, constata-se que predomina no vernáculo popular rural baiano a regra de não aplicação de plural nas formas verbais, com percentual de 58,4%. Constata-se ainda que a variante padrão *-mos* ocorre infimamente no *corpus* analisado, 5,4% dos casos analisados, sendo mais frequente o uso de variantes não padrão de plural, nesta ordem, *-mo* e *-emo*.

Comparando os resultados gerais do estudo de Lucchesi, Baxter e Silva (2009), no que se refere à aplicação do uso do morfema com sujeitos representados por *nós* e sua elipse em comunidades rurais afro-brasileiras na Bahia (18%), com os resultados obtidos neste estudo (41,6%), observa-se uma diferença de 23,6% entre eles. Essa diferença é grande porque esses últimos dizem respeito a dados de comunidades que, em sua maioria, não possuem história tão intensa do contato linguístico quanto às comunidades estudadas pelos autores supracitados.

Ao identificar que os falantes do português popular da região rural da Bahia tendem a excluir as marcas indicativas de concordância verbal de número, buscou-se, investigar quais são os fatores linguísticos e sociais que intervêm na aplicação da regra de CV. Na análise, foram selecionadas na primeira rodada do programa estatístico, nesta ordem, as seguintes variáveis: *Realização e posição do pronome sujeito*; *Saliência fônica*; *Composição do sujeito*; *Tempo verbal e Comunidade*.

Quanto à primeira variável selecionada, a realização e posição do sujeito, a hipótese formulada foi confirmada, já que se pressupunha que a presença de sujeito e sua anteposição imediata ao verbo favorecessem a aplicação da regra de concordância. Os resultados estão expostos na tabela que se segue:

Tabela 10: A aplicação da regra de Concordância verbal em números percentuais e peso relativo segundo a variável Realização e posição do Pronome Sujeito

Distância entre o Pronome Sujeito e o verbo	Ocorrências	Frequência	Peso Relativo
Pronome sujeito não realizado	126/126	100%	<i>Knockout</i>
Pronome sujeito realizado e posposto	0/8	0%	<i>Knockout</i>
Realizado imediatamente antes do verbo	68/279	24,4%	.55
Realizado antes do verbo, mas separado por algum constituinte	11/79	13,9%	.33
Sujeito retomado por pronome relativo	1/3	33,3%	.45
<b>Total</b>	206/495	41,6%	-

Confirma-se, mais uma vez, que a posposição do sujeito desfavorece o uso padrão da concordância, ao passo que a anteposição imediata a favorece. Ressalta-se que o valor de .55 encontrado nesta pesquisa, encontra-se próximo ao ponto neutro e isso leva à interpretação de que, na comunidade de fala investigada, mesmo nesse contexto, há muito uso da regra não padrão de concordância.

O fator *pronome sujeito não realizado* também apresentou *Knockout*, algo também esperado. Os dados analisados são ocorrências em que é possível depreender a forma pronominal na oração precedente, tendo sido encontradas, conforme se apresentou na Tabela 10, 126 ocorrências, todas apresentando concordância verbal no verbo com sujeito implícito. As formas verbais integradas nesse fator estavam marcadas pelo morfema de número pessoal para identificar o sujeito de primeira pessoa do plural a qual se referia. Isso confirma que essa variante favorece o uso de concordância padrão, havendo uma questão funcional para evitar ambiguidade, na medida em que se faz necessário identificar o sujeito. No exemplo “Foi à praia” é necessária a presença do sujeito para fazer a concordância, excluindo as interpretações “Ele Foi a praia”, “Nós foi a praia” ou “Você(s) foi à praia”.

Os casos de sujeito realizado antes do verbo, mas separado por algum constituinte e sujeito retomado por pronome relativo, ambos desfavorecem o uso de marca de plural, de modo que apenas um fator favorecia a aplicação da regra de CV, isto é, sujeito realizado imediatamente antes do verbo.

O fator sujeito realizado antes do verbo, mas separado por algum constituinte apresentou .33 no peso relativo. A distância do sujeito para com o verbo dificulta a recuperação da figura do sujeito na mente do falante, o que já era esperado. Como no exemplo (15) e (16):

(15) Nós aqui num *tem* profissão

(16) Nós nem leitura *tem*

Com o fator sujeito retomado por pronome relativo *que*, já era esperada a baixa frequência. De três ocorrências, apenas uma tinha aplicação da regra de CV. Esse pronome relativo é uma palavra invariável, desfavorecendo a concordância com o verbo. As três ocorrências foram:

(17) E nós que *moramo* aqui não tem água regadia.

(18) pra nóiqu'ê fraco

(19) nós que *fuma, bebe, joga*

Não obstante os resultados acima terem se mostrado relevantes e comprovado as hipóteses iniciais e ratificado estudos anteriores, foi feita outra análise, retirando-se os dados categóricos de sujeito nulo ou desinencial (126 dados).

Com objetivo de obter resultados mais claros e precisos quanto à regra de concordância variável com P4, optou-se por eliminar os casos categóricos de sujeito implícito os quais apresentaram morfema de plural em todas as ocorrências. Possivelmente, tenha ocorrido enviesamento nos resultados por causa da consideração dessas 126 ocorrências. Assim, das 369 ocorrências de estruturas em que o sujeito é de primeira pessoa do plural com *nós*, obteve-se um total de 80 ocorrências, que correspondem a 21,7% de aplicação da regra de concordância, com marcas explícitas de concordância. Esses resultados podem ser conferidos na Tabela 11:

Tabela 11: Distribuição geral dos resultados acerca da concordância de número com sujeitos de primeira pessoa do plural (sem o contexto categórico de sujeito nulo)

	Morfema	Nº de ocorrências/ Total	Frequência
Com morfema de plural	<i>mo- mos-emo</i>	80/369	21,7%
Sem morfema de plural	∅	289/369	78,3%

A propósito, os resultados ficam bem próximos ao que Araujo (2014) encontrou para a terceira pessoa do plural, conforme se observa na tabela abaixo:

Tabela 12: Distribuição geral dos resultados das variantes referentes à concordância verbal com P6 pelos subtipos da norma popular feirense

Subamostra da norma popular feirense	Concordância padrão		Concordância não padrão	
	Ocor./Total	Percentual	Ocor./Total	Percentual
Norma popular rural (feirenses filhos de feirenses)	97/449	21.6%	352/449	78.4%
Norma popular urbana (feirenses filhos de migrantes)	105/435	24.1%	330/435	75.9%
Norma popular urbana (feirenses filhos de feirenses)	119/426	27.9%	307/426	72.1%
<b>TOTAL</b>	<b>321/1310</b>	<b>24,5%</b>	<b>989/1310</b>	<b>75.5%</b>

Desmembrando os alofones do morfema de 1ª pessoa do plural, obtiveram os seguintes resultados:

Tabela 13: Frequência de uso dos alomorfes verbais de primeira pessoa do plural do português do semiárido baiano (sem contexto categórico)

-mos ( <i>cantamos</i> )	-mo ( <i>cantamo</i> )	-emo ( <i>cantemo</i> )	Ø ( <i>cantou</i> )
8/369	52/369	20/369	289/369
2,1%	14,4%	5,42%	78,3%

Com base na tabela 13, percebe-se que, retirando os casos de sujeito não expresso, o morfema padrão (*-mos*) corresponde a apenas 2,1% do total de ocorrências, enquanto que a regra de não aplicação da CV corresponde a 78,3%, estando nos polos das variantes. Assim, o apagamento do *-s* final do morfema é fenômeno característico da fala popular das comunidades analisadas. A aplicação da regra padrão de concordância de número (*-mos*) é pouco frequente na fala dos moradores das comunidades rurais do semiárido baiano.

A rodada selecionou as seguintes variáveis, nesta ordem: *Realização e posição do pronome sujeito*; *Saliência fônica*; *Nível de referencialidade*; *Tempo verbal* e *Comunidade*, conforme é apresentado na Tabela 15:

Tabela 14: Resultado das variáveis selecionadas quanto ao uso dos alomorfes verbais (sem os casos de sujeito não expresso) de primeira pessoa do plural do português do semiárido baiano

Variável	Fator	Nº de ocorrências/ Total	Frequência	Peso relativo
Realização e posição do pronome sujeito	Realizado imediatamente antes do verbo	68/279	24,4%	.55
	Realizado antes do verbo, mas separado por constituinte	11/79	13,9%	.33
	Retornado por pronome relativo que	1/3	33,3%	.56
Saliência fônica <sup>s</sup>	2	37/101	36,6%	.54
	3	12/65	18,5%	.57
	4	13/69	18,8%	.24
	5	18/36	50,0%	.75
Nível de referencialidade do sujeito	Eu ([+específico])	2/33	6,1%	.20
	[- genérico + definido]	72/298	24,2%	.54
	[- genérico - definido]	5/33	15,2%	.41
Tempo verbal	[+ genérico]	1/5	20,0%	.80
	presente	38/162	23,5%	.36
Comunidade	pretérito	42/98	42,9%	.71
	Tapera	9/40	22,5%	.64
	Barra/Bananal	31/148	20,9%	.50
	Casinhas	23/76	30,3%	.60
	Lagoa do Inácio	14/41	34,1%	.74
	Mato Grosso	3/64	4,7%	.16

Log likelihood = -129.622 Significance = 0.043

3 Foram excluídos 65 dados no nível 1 de saliência, pois houve knockouts, com aplicação total da regra.

De forma sucinta, retirando as ocorrências sem sujeito expresso, concluiu-se que *as variáveis realização e posição do pronome sujeito, saliência fônica, tempo verbal e comunidade* foram de igual modo selecionadas como significativas. Também, suas frequências e pesos relativos demonstraram equivalência, se comparadas ao resultado geral (495 dados). A variável nível de referencialidade foi a única variável diferente em comparação com a rodada anterior.

Foi ainda feita uma rodada em que foram retirados também os dados de posposição de sujeito, também categórico no *corpus* e os resultados encontrados foram:

Tabela 15: Resultado das variáveis selecionadas quanto ao uso da CV com P4 (sem os casos de sujeito nulo e de sujeito posposto) no português falado nas comunidades rurais do semiárido baiano

Variável	Fator	Nº de ocor./Total	%	PR
Realização e posição do pronome do sujeito	Realizado imediatamente antes do verbo	68/279	24,4%	.55
	Realizado antes do verbo, mas separado por constituinte	11/79	13,9%	.33
	Retomado por pronome relativo que	1/3	33,3%	.50
Saliência fônica	2	37/101	37,0%	.53
	3	12/65	18,8%	.57
	4	13/69	19,1%	.24
	5	18/36	51,4%	.77
Nível de referencialidade	Eu ([+específico])	2/33	6,1%	.18
	[- genérico + definido]	72/291	24,2%	.54
	[- genérico - definido]	5/32	15,2%	.42
	[+ genérico]	1/5	20,0%	.79
Tempo verbal	presente	38/160	23,8%	.36
	pretérito	42/95	44,2%	.71
Comunidade	Tapera	9/40	22,5%	.65
	Barra/Bananal	31/147	21,1%	.49
	Casinhas	23/73	31,5%	.60
	Lagoa do Inácio	14/38	36,8%	.78
	Mato Grosso	3/63	4,8%	.16

Log likelihood = -126.887 Significance = 0.047

Nessa terceira rodada, em que foram consideradas apenas 361 ocorrências, descartando os casos de sujeito desinencial e de sujeito posposto, os resultados ficaram bastante próximos aos resultados com os 495 dados (a rodada geral). Assim, para não fugir ao escopo deste trabalho e também por falta de espaço, não serão comentados, os resultados referentes à seleção das variáveis nessa rodada. Apenas foram apresentadas e, na seção seguinte, apresentam-se as principais conclusões atinentes aos objetivos deste trabalho. Antes, porém, apresentam-se os resultados concernentes à variável *faixa etária*, que, apesar de não ter sido selecionada, exibe uma distribuição que revela que os mais jovens nas comunidades rurais do semiárido empregam a desinência número-pessoal com P4 em 62,9% dos casos, enquanto os adultos e idosos apresentam percentuais muito próximos: 34,7% e 30,9%.

Tabela 16: Distribuição da frequência da variável *faixa etária* de acordo com a presença da desinência número-pessoal em P4 nas comunidades rurais do semiárido baiano

Faixa etária	Com concordância	
	Número de ocorrências	%
Jovem	95/151	62,9%
Adulto	42/121	34,7%
Idoso	69/223	30,9%
TOTAL	206/495	41,6%

Os resultados demonstram que a faixa III apresenta comportamento bastante diferente em comparação com os da faixa I. Com base nessa discrepância, evidencia-se uma mudança de comportamento na comunidade, em relação ao processo de variação investigado. Os percentuais apresentados confirmam a hipótese reitora neste estudo, a de aquisição das regras de concordância verbal nas variedades populares do PB.

## CONCLUSÕES

Os resultados demonstram que há padrões de variação no PB no que concerne à concordância verbal com a primeira pessoa do plural, apresentando frequências altas de ausência de concordância verbal na fala popular e, por sua vez, inexistindo variação na fala culta. Nesse sentido, o apagamento das marcas de número nas formas verbais é recorrente na fala de indivíduos com pouca escolarização e ligados à cultura popular/rural.

Duas possíveis explicações podem ser dadas para a redução do paradigma flexional de concordância verbal com P4 no PB: uma de natureza estrutural, segundo a qual essa redução é justificada pela redução do quadro pronominal de seis formas verbais distintas para um paradigma com três formas, em virtude do uso crescente da forma *a gente* em substituição do pronome *nós*; e outra, de natureza sócio-histórica, em que é aventada a hipótese de que o contato da língua portuguesa com as línguas africanas e com as diversas línguas indí-

genas já existentes no Brasil colaborou para redução do paradigma verbal do PB, ainda mais porque esse contato esteve associado a processos tardios de escolarização e de urbanização.

Há evidências a favor de um processo de incremento do emprego do morfema verbal de 1ª pessoa do plural, nomeadamente nas comunidades rurais afro-brasileiras. Possivelmente, esse quadro de tendência de mudança aquisicional da regra de CV esteja em amplo crescimento devido a questões como a urbanização dessas comunidades, estando cada vez mais difícil delimitar o que é rural e o que é urbano. Assim, embora a variável faixa etária não tenha sido selecionada como estaticamente favorável ao uso da regra de concordância na fala popular rural, em termos de frequência de uso, os maiores índices são encontrados nos dados de informantes mais jovens.

A variável realização e posição do sujeito foi selecionada em todas as rodadas, com o fator sujeito realizado imediatamente antes do verbo atuando favoravelmente para a realização da concordância verbal, o que foi associado, similarmente com o que acontece com a saliência fônica, ao favorecimento da percepção da regra de concordância. Já o fator posposição de sujeito atua como desfavorecedor da regra de plural, evidenciando “o caráter menos subjetivo” do argumento que se posiciona à direita do verbo, independentemente da amostra analisada, a posposição do sujeito desfavorece a aplicação da regra padrão.

A variável saliência fônica só foi selecionada na análise dos dados da fala rural, o que demonstra que foi no espaço rural onde estão as raízes históricas do português popular brasileiro, que estaria passando nas palavras de Guy (1981, 2005) por processos típicos de situações descrioulização. Verifica-se que os fatores com oposição acentuada tendem a favorecer uma maior marcação da regra de concordância verbal de número. Observa-se, pois, que as variedades linguísticas mais diretamente

afetadas pelo contato entre línguas na sócio-história brasileira, bem como pelo processo de exclusão social a que estiveram submetidos os seus usuários, são as que mais evidenciam uma atuação proeminente da variável saliência fônica. Assim, é notável a atuação da variável *Saliência fônica* na aplicação da regra padrão da Concordância verbal no PB popular, contrastando com o que se verifica no PE (MONGUILHOTT, 2009) e na norma culta brasileira. Nesse sentido, esse comportamento diferenciado é facilmente explicável se for considerada a história sociolinguística brasileira, em que, na norma popular, houve uma diferenciação no uso da morfologia flexional no passado em função do contato entre línguas e, nos tempos atuais, por influxos de padrões linguísticos “mais elitizados”, está havendo um incremento dessa morfologia, sendo os contextos mais salientes os mais fáceis de serem adquiridos e também os mais evitados pelos falantes adquirentes da variedade padrão.

## NOTAS

- 1 Em casos como este, a forma zero seria uma variante do uso existencial.
- 2 Informações disponíveis em: <<http://www.uefs.br/nelp>> e em Araújo e Almeida (2014).
- 3 Por serem comunidades rurais e geograficamente distantes, houve dificuldades em homogeneizar os grupos etários igualmente.
- 4 A própria tradição gramatical elenca este contexto (sujeito composto posposto) como um caso de concordância facultativa.
- 5 Na fala popular do PE, Araújo (2012) encontrou também apenas 1 dado de variante zero com P4 e, também, em contexto de posposição de sujeito composto. Na norma popular urbana analisada neste estudo, foram encontradas mais duas ocorrências de sujeito composto, que também foi com posposição de sujeito ao verbo. Citam-se as duas outras ocorrências: (12) [...] quase ia eu e ele. (fala popular, informante idosa) e (13) Foi eu e essas duas tarada aí. (fala popular, informante jovem, do sexo masculino).
- 6 No corpus analisado, foram encontradas 1.444 ocorrências de sujeito preenchido com forma a gente e apenas 8 dessas ocorrências era acompanhada da forma com desinência verbal de plural.
- 7 Os exemplos entre parênteses são meramente ilustrativos. Poderia teriam ter sido postas formas da 2ª ou 3ª conjugações e de outros tempos e modos verbais.
- 8 Foram excluídos 65 dados no nível 1 de saliência, pois houve knockouts, com aplicação total da regra.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. A concordância verbal e sua importância para os estudos sobre a formação do português brasileiro. *Papia*, 2012, v. 22(1), p. 91-110.
- ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. *A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-Ba*: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro. 342 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2014.
- ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; ALMEIDA, Norma Lucia F. de. O projeto A língua portuguesa no semiárido baiano - Fase 3: critérios de constituição e da amostragem do Banco de dados. In: Raquel Meister Ko. Freitag. (Org.). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. p. 27-47.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade*: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- Figueiredo Silva, Maria Cristina. Inovações morfológicas no português brasileiro. In: CABRAL, Loni Grimm; GORSKI, Edair (Org.) *Linguística e Ensino*: reflexões para a prática pedagógica materna. Florianópolis: Insular, 1999. p. 181-198.
- GRACIOSA, Diva Maria Dias. *Concordância verbal na fala culta carioca*. 1991. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.
- GUY, Gregory. *Linguistic variation in brazilian portuguese*: aspects of the phonology, syntax and language history. Philadelphia, 1981. PhD Dissertation, University of Pennsylvania.
- GUY, Gregory. A questão da crioulezização no português do Brasil. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (Org.). *Estudos de variação lingüística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 15-62.
- KATO, Mary. Apresentação: ‘Como, o que e por que escavar?’ In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 13-30.
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*, vol. 1. London, New York: Basil Blackwell, 1994.
- LUCCHESI, Dante. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, n.12, 1994. p.17-28.
- LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000). *DELTA*. São Paulo, 2001, v.17, n.1, p. 97-132.
- LUCCHESI, Dante. *Língua e Sociedade Partidas*: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; SILVA, Jorge Augusto Alves da. A concordância verbal. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. Cap. 14, p. 331-371.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Idéias para a história do português brasileiro: Fragmentos para uma composição posterior. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. cap. 3, p. 43-67.
- NARO, Anthony Julius. The social and structural dimensions of syntactic change. *Language*, 1981, v. 57, n.1, p. 63-98.
- Anthony Julius; GORSKI, Edair; FERNANDES, Eulália. Change without change. *Language Variation and Change*. Cambridge University Press, 1999, v. 11, p. 197-211.
- NINA, Terezinha de J. C. *Concordância nominal/verbal do analfabeto na Microrregião Bragantina*. Dissertação (Mestrado em Linguística), PUC-RS, Porto Alegre, 1980.
- PAIVA, Maria Conceição Auxiliadora; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Introdução: a mudança lingüística em curso. In: Maria da Conceição de Paiva; Maria Eugênia Lamoglia Duarte. (Org.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Editora Contra Capa. p. 13-29, 2003.
- SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. *Goldvarb X*: a multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005. Disponível em <[http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref)> Acesso em 5. jun.2016.
- SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: INL, 1963.
- VIEIRA, Silvia Rodrigues. *Concordância verbal*: variação em dialetos populares do norte fluminense. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1995.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica WEINREICH; HERZOG; LABOV, 2006.
- ZILLES, Ana Maria Stahl; MAYA, Leonardo Zechlinski; SILVA, Karine Quadros da. *A concordância verbal com a primeira pessoa do plural na fala de Panambi e Porto Alegre, RS*. Porto Alegre, 2000, v. 14, n. 28 e 29, p. 195-219.

## AS AUTORAS

**Silvana Silva de Farias Araújo** é professora da área de Linguística do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santana (UEFS) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS). É Doutora em Língua e Cultura (UFBA), mestre em Letras e Linguística (UFBA), especialista em Língua Portuguesa: Gramática (UEFS) e graduada em Letras Vernáculas (UEFS).

**Siméia Daniele Silva do Carmo** possui graduação em Licenciatura em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2010), especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (UNIASSELVI) e em Estudos Linguísticos e Ensino/Aprendizagem (UEFS) e Mestrado em Estudos linguísticos (UEFS).